

ESTADOS DE HUMOR E MEDO DO CRIME

Monografia de final de curso

(2008)

Maria João Pereira Moura

Diplomada em Psicologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal

Contactos:

mariajoaomoura.psi@gmail.com

RESUMO

É objectivo do presente estudo avaliar os estados de humor e a sua relação com o medo do crime, ou seja, perceber até que ponto estados afectivo/emocionais originam uma maior predisposição para sentir o medo do crime. É também objectivo confirmar, como alguns estudos referem, se as mulheres sentem mais medo do crime do que os homens. Foi recolhida uma amostra de conveniência de 189 participantes adultos, da área metropolitana de Lisboa. O protocolo de avaliação inclui um questionário com características sócio-demográficas, história de vitimação, BFI, POMS, IMC, QPSR. Concluiu-se que as mulheres sentem mais medo do crime do que os homens e que alguns factores da personalidade, como o neuroticismo, abertura à experiência, amabilidade conscienciosidade e extroversão, estão relacionados com o medo do crime.

Palavras-chave: Estados de humor, medo de crime, personalidade, criminalidade, vitimação, neuroticismo

Relação entre Estados de Humor e Medo de Crime

Tem-se pensado sobre o crime e em como este afecta ou pode vir a afectar o dia-a-dia das pessoas. Actualmente, o relevo que os meios de comunicação dão a esta temática, através de notícias sensacionalistas e o ritmo alucinante da nossa sociedade com constantes alterações de níveis sócio/económicos, faz com que cada vez mais se esteja de sobreaviso em relação a possíveis riscos, num enorme clima de desconfiança. “A forma obscena com que a violência

sangrenta inunda os *mass-media* e os jornais de sensação é sinal evidente da posição absurda das sociedades contemporâneas” (Fatela, 1989, pág. 14).

É um facto que as sociedades se encontram em constante mutação e que o medo e a desconfiança sempre fizeram parte da humanidade. Em Portugal, no século XIX, José da Silva Carvalho dirige um relatório à Corte do Reino no qual descreve Portugal como um País em estado caótico (Fernandes, 1870-1945). Desde sempre que o crime e a insegurança são temas de importante discussão reflectindo-se numa elevada preocupação pública (Vaz, 1996). Já no séc. XX, por exemplo, os motivos do medo do crime estiveram associados ao aparecimento da droga (Agra, 1993). Assim, pode-se dizer que o crime e o medo que dele advém sempre existiu independentemente da época histórica em que nos situemos.

Todavia, vários estudos evidenciam que os níveis de violência e criminalidade diminuíram significativamente no presente em relação à violência vivida no século XVIII e XIX . A prova disso mesmo é que entre 1994 e 1997 os crimes referenciados pelas autoridades policiais vieram sempre a diminuir e em 1998 volta a haver um ligeiro aumento que se continuou a verificar até ao ano de 2000. É de salientar que o período em que as pessoas estavam preocupadas na possibilidade de virem a ser vítimas de crime datava de 1994, período em que supostamente haveria um decréscimo. Também é pertinente referir que não se sabe o porquê destas oscilações e que estes dados apenas se referem aos casos participados à polícia, não estando incluídos neste estudo crimes que possam ter ocorrido, e dos quais não se tenha tido conhecimento (Machado, 2004).

Segundo Ferraro e Lagrange (citado por Mesch, 2000) o medo do crime é uma reacção emocional negativa aos sinais associados a este, e a percepção de risco é a avaliação cognitiva geral da segurança ou do perigo que a pessoa tem de vir a ser vítima de um crime, ou seja o reconhecimento de certos lugares ou situações como perigosas, seria a percepção de risco. É nessa ligação de causalidade entre a criminalidade e insegurança, que Feldman, (citado por Machado, 2004) diz que “o medo do crime é uma resposta racional à possibilidade, ou à experiência real, de vitimação” (pág. 78).

No seguimento da definição de Ferraro e Lagrange, em que o medo do crime é uma reacção emocional, pode-se dizer que a emotividade é sinónimo de estados de humor. Scharfetter (1997) define-os como um conjunto de sentimentos e cognições que surgem das vivências e características pessoais de cada um. Qualquer experiência que um indivíduo tenha, está sempre condicionada sob determinado estado de humor que esteja a sentir no momento. É por esse motivo que os próprios traços de personalidade do indivíduo vão também contribuir para o seu estado de humor e para a forma como percebe determinado acontecimento.

Os estados de humor são sentimentos vividos tanto física como emocionalmente e que podem ser agradáveis ou desagradáveis. Fisicamente poderá estar implícita uma sensação agradável de bem estar, vigor, ligeireza ou frescura corporal, assim como sensações de mal-estar

como o cansaço constante, sensação de debilidade física ou estado de doença geral. Emocionalmente existe a alegria, o bom-humor, sentimentos de felicidade, serenidade, satisfação, confiança, ou então a tristeza, pena, temor, nostalgia, desalento, desamparo, desespero, raiva, horror/terror, sentimento de vazio, irritação, cólera, entre outros (Scharfetter, 1997).

No que diz respeito a quem sente um maior medo do crime, têm-se estudado factores como a idade, o sexo e história de vitimação directa e/ou indirecta (os indivíduos terem ou não sido vítimas de crime anteriormente ou terem conhecimento de casos de crime próximos). Em Portugal, relativamente ao género e medo de crime encontraram-se resultados em que as mulheres têm mais medo de serem alvos de crime e sentem-se por isso mais inseguras, quando em comparação com os homens (Machado, 2004). Na cidade de Lisboa, outro estudo mostra que os idosos, os casados e as mulheres são os que se sentem mais medo do crime, mas são as mulheres que se sentem mais inseguras e que consideram haver um aumento de crime no seu local de residência. São as mulheres que mais temem os crimes violentos, como a violação e o homicídio e os homens sentem mais receio de serem vítimas de ofensas corporais (Carvalho, 1990).

Outro estudo efectuado em Portugal por Monteiro (1999), sobre os efeitos directos e indirectos da violência na televisão em jovens, indicou que uma maior exposição à televisão nas raparigas “intensificava a exacerbação do medo e a procura de protecção institucional” (Monteiro, 1999, pág. 334). No que diz respeito ao medo e controlo externo, ou seja, à procura no exterior de formas de controlar o medo, este é superior nas raparigas do que nos rapazes, uma vez que estes, além de manifestarem menor medo de vitimação, têm um controlo mais pessoal e interno.

No entanto, de acordo com os dados oficiais do Ministério da Justiça parecem existir discrepâncias entre o medo sentido pelas mulheres e o risco real que correm. As mulheres parecem correr menos riscos do que os homens de serem vítimas de crime. Quanto às explicações para este suposto paradoxo, estas podem estar na maior vulnerabilidade física e percebida das mulheres. Ao perceber-se como mais frágil, a mulher percebe igualmente ser alvo de maior risco (Machado, 2004). Segundo Keane, (citado por Machado, 2004) este factor é influenciável pelo facto de estarmos inseridos numa sociedade patriarcal.

Em Portugal, no séc. XIX, homens e mulheres tinham legislações do código penal e tipologias do crime diferentes, sendo a mulher a única perpetradora do crime de aborto e o homem o único da violação, sendo a mulher a única vítima neste último caso. Já nesta altura a mulher era considerada um ser mais frágil e claramente diferenciada quando em comparação com o homem, tanto a nível físico, mental ou moral (Vaz, 1996).

No estudo de Mesch (2000) em que as variáveis estudadas eram percepção de risco, estilos de vida, factores ambientais e medo do crime, concluiu-se que as pessoas com baixo extracto

sócio- económico tinham índices mais altos de medo de crime. Concluiu-se ainda que as pessoas que vivem numa zona residencial perigosa têm uma reacção emocional negativa ao crime, existindo aqui uma relação entre percepção de risco e medo do crime. Quanto ao estilo de vida, as pessoas residentes em zonas perigosas têm menos actividades nocturnas e a história de vitimação destas influencia a percepção do risco de crime (Mesch, 2000).

Borooah e Carcach (1997) verificaram a relação entre um passado de vitimação e medo do crime, relacionando também as estratégias optadas para prevenir/punir o crime. Neste estudo percebeu-se que as acções comunitárias de combate ao crime eram mais eficazes do que a acção policial. Pelo contrário, uma falta de coesão e civismo na zona residencial contribuiu significativamente para o aumento do medo do crime e da percepção de vitimação.

Num outro estudo efectuado por Killias e Clerici (2000), sobre as diferentes medidas de vulnerabilidade e a sua relação com as diferentes dimensões do crime, concluiu-se que o medo do crime não está relacionado com a orientação política, com a orientação ideológica ou com a educação. Variáveis como o género, a vulnerabilidade física, a idade, e as características da zona de residência verificaram-se como as mais relevantes. Estas características incluem questões ambientais como os *graffitis*, lixo, e outras condições degradadas.

Assim, o medo do crime pessoal e de roubo parece estar mais associado com objectivos específicos de risco e não tanto com questões de integração social, como por exemplo o desemprego (Killias & Clerici, 2000).

A tentativa de interligar a psicologia e a criminologia nesta área do medo do crime, foi efectuada através de um estudo de Gabriel e Greve (2003), que refere que o medo do crime possa estar relacionado com traços de personalidade, diferenciando-se dum estado situacional. “Enquanto a investigação do medo do crime tem uma longa tradição na criminologia, a investigação do medo tem ainda maior tradição em psicologia” (Gabriel & Greve, 2003, pág. 600).

Como já foi referido, tanto em Portugal como noutros Países, as pessoas que sentem mais medo do crime não são necessariamente aquelas que já tiveram acontecimentos de vitimação. Deste modo, torna-se importante perceber que tipo de variáveis estão por detrás deste fenómeno, sendo esse o objectivo central deste estudo.

Se um indivíduo já tem medo do crime como uma característica sua, vai perceber determinados tipos de acontecimentos como mais ameaçadores do que estes serão na realidade. Se, por outro lado, vivenciar uma experiência intensa, como é a de ser vítima de crime, maior é a possibilidade de vir a influenciar a sua percepção em situações sentidas como sendo de risco. O significado daquilo que se vive ao perceber determinado acontecimento, vai condicionar o estado de humor quer no presente, quer em situações futuras (Scharfetter, 1997).

Pretende-se ainda verificar se este estudo confirma as diferenças encontradas anteriormente entre homens e mulheres face ao medo do crime. Sendo as mulheres referenciadas como aquelas que têm maior medo do crime, espera-se que estas apresentem maiores níveis de medo do crime.

Outro dos objectivos deste estudo é saber até que ponto estados afectivo/emocionais e individuais levam a uma maior predisposição de sentir medo do crime, ou seja, se o medo do crime pode ser determinado pelo tipo de personalidade e estados de humor e condicionar a percepção de determinada situação de risco. Deste modo, espera-se encontrar uma relação positiva entre alguns traços de personalidade e o medo do crime.

MÉTODO

Participantes

Participaram neste estudo 189 indivíduos, dos quais 126 são mulheres e 63 são homens, com uma média de idades de 36.12 anos (DP=12.48).

A maioria dos participantes têm uma actividade laboral (n=161; 85.2%) são de nacionalidade Portuguesa (n=183; 96.8%), Caucasianos (n=178; 97.3%), com um status sócio-económico de classe média (n=142; 75.1%), casados (n=74; 40.0%) e residentes em meio urbano (n=156; 83.9%).

Da análise dos resultados, estes não indicaram quaisquer diferenças estatisticamente significativas na idade, $t(186)=-.305$; $p>.05$ e nas habilitações literárias, $t(180)=-.633$; $p>.05$ por sexo. Também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na distribuição das variáveis trabalho, $\chi^2(1)= 3.543$; $p>.05$; nacionalidade, $\chi^2(3)= 2.275$; $p>.05$; étnia, $\chi^2(2)=1.637$; $p>.05$; nível sócio-económico, $\chi^2(4)= 7.042$; $p>.05$; relacionamento actual, $\chi^2(5)= 4.215$; $p>.05$ e tipo de área em que vive actualmente $\chi^2(2)= .714$; $p>.05$.

Medidas

Personalidade, Avaliada pelo Big Five Inventory (BFI, O.P.John et al., 1991) que mede 5 grandes dimensões da personalidade: 1) Extroversão, 2) Amabilidade, 3) Conscienciosidade, 4) Neuroticismo, 5) Abertura à Experiência e é constituída por 44 itens avaliados numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 – *Discordo Fortemente*; 2 – *Discordo um pouco*; 3 – *Nem concordo nem discordo*; 4 – *Concordo um pouco*; 5 – *Concordo fortemente*), com uma amplitude de resposta de 1 a 120 pontos, significando pontuações mais elevadas traços de personalidade dominantes e significativos.

Quanto às características psicométricas, o BFI revelou consistência interna com um Alfa de Cronbach que varia entre .75 para a Amabilidade e .90 para a Extroversão e cujo valor médio do

Alfa é .83. A estabilidade temporal avaliada pelo método teste-reteste, num intervalo de três meses, revelou valores de variâncias que oscilaram entre .80 e .90.

Para a população Castelhana esta medida foi adaptada por Verónica Benet-Martínez e John em 1998, e revela consistência interna com um Alfa de Cronbach que varia entre .66 para a Amabilidade e .85 para a Extroversão e cujo valor médio do Alfa para esta população é de .78.

Medo do Crime. Avaliado pelo Índice do Medo do Crime, (IMC; J. Brites, R. Miranda, & A Baptista, 2004) desenvolvida com o objectivo de avaliar o medo do crime (Benet-Martínez & John, 1998)

O IMC avalia 3 dimensões: 1) Reacções Fisiológicas; 2) Sentimentos de Insegurança e Vulnerabilidade e 3) Sensibilidade Diferencial ao Risco e é constituída por 24 itens, avaliado numa escala de tipo Likert de 4 pontos (0 – *Nunca ou quase nada*; 1 – *Às vezes*; 2 – *Quase sempre*; 3 – *Sempre*), com uma amplitude de resposta que varia de 0 a 72 pontos, significando valores mais elevados mais medo do crime (Brites, et al., 2004).

O estudo das características psicométricas avaliada a consistência interna através do Alfa Cronbach, indicou um valor de .89 para a nota total, de .85 para a dimensão Reacções Fisiológicas; .82 para o Sentimentos de Insegurança e Vulnerabilidade; e .76 para a Sensibilidade Diferencial ao Risco.

Estados de Humor. Avaliados pelo Profile of Mood States, (POMS; McNAir e cols, 1971) adaptada à população Portuguesa por M. Azevedo; C. Silva e M.Dias, 1991.

Esta medida avalia 6 estados de humor ou afectivos: 1) Tensão-Ansiedade; 2) Depressão-Rejeição; 3) Cólera-Hostilidade; 4) Vigor-Actividade; 5) Fadiga-Inércia e 6) Confusão-Desorientação e é constituída por 65 adjectivos que melhor se adaptam à forma como se tem sentido durante a última semana. Os indivíduos respondem numa escala de tipo Likert de 5 pontos; 0 – *De maneira nenhuma*; 1 – *Um pouco*; 2 – *Moderadamente*; 3 – *Muito*; 4 – *Muitíssimo*.

Realidade Social. Avaliado pelo Questionário do Pensamento sobre a Realidade Social, (QPRS; Calheiros e Monteiro, 1995 citado por Monteiro, 1999) que avalia os seguintes factores: 1) O medo-controlo externo, 2) O medo-controlo interno 3) Insegurança, e 4) Confiança nos outros. O QPRS é constituído por 14 itens num formato de resposta de tipo Likert de 5 pontos; 1 – *Discordo em absoluto*; 2 – *Discordo*; 3 – *Não concordo nem discordo*; 4 – *Concordo*; 5 – *Concordo em absoluto*

Não foram descritas pelas autoras valores de psicometria (Monteiro, 1999)

Procedimento

Este estudo tem carácter transversal e a avaliação tem um contexto actual. É um estudo correlacional e aplicou-se o protocolo de avaliação constituído por uma parte explicativa sobre o estudo em causa, o consentimento informado com garantia de anonimato e sobre o facto de serem livres de desistir se assim o entenderem, engloba uma caracterização sócio-demográfica e história de vitimação, BFI, IMC,POMS, QPRS. A amostra foi recolhida de Janeiro a Maio em diversas empresas e a particulares, e o tempo médio de aplicação foi de 20min.

RESULTADOS

Caracterização da história de vitimação da amostra total por sexo

De forma a estudar a história de vitimação dos indivíduos que participaram neste estudo, foi utilizado o teste Qui-quadrado, para amostras nominais e o teste *t* Student para amostras independentes e estão representados nas tabelas 2, 3, 4 e 5.

No que diz respeito à história de vitimação a tabela 2 mostra, que a maioria dos participantes responde não ter sido vítima de crime ($n=139$; 73.6%), nem os familiares e/ou amigos ($n=135$; 71.8%), acharam que o crime aumentou ($n= 135$; 72.5%), e responde sentir-se segura na sua zona de residência ($n=119$; 62.2%). A maioria também responde sentir-se preocupado com o facto de vir a ser vítima de crime no seu local de residência ($n=83$; 44.1%).

Da análise dos resultados, estes não indicaram diferenças estatisticamente significativas por sexo no que diz respeito: ao facto dos indivíduos já terem sido ou não vítimas de crime $\chi^2(1)=3.481$; $p=.062$; há quanto tempo foram vítimas $t(44)= -.339$; $p= .736$; ao facto de algum familiar e/ou amigo ter ou não sido vítima de crime $\chi^2(1)=.068$; $p= .794$; na questão de opinião sobre o aumento ou não do crime e violência $\chi^2(1)=1.945$; $p=.163$; e no que diz respeito a como se sentem quanto ao nível de segurança na zona de residência $\chi^2(3)= 3.910$; $p=.271$.

Encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no que diz respeito à preocupação com o facto de vir a ser vítima de crime no local de residência $\chi^2(3)= 10.543$; $p= .014$, em que as mulheres se mostram mais preocupadas ($n=64$; 34.0%).

Na tabela 3 os resultados dizem respeito aos motivos pelos quais os indivíduos se sentem ou não inseguros no seu local de residência, quando demonstraram sentirem-se inseguros ou pouco seguros.

A maioria dos participantes refere que os tempos hoje são mais violentos ($n= 44$; 83%), mas responderam que não era por terem sido vítimas de crime ($n= 40$; 75.5%), nem por ser uma zona perigosa ($n=30$; 57.7%) e sim porque já ouviram falar de assaltos na zona ($n=46$; 86.8%).

No entanto quanto à divulgação dos meios de comunicação a maioria diz não ser esse o motivo (n=27; 54.7%), nem por ser uma zona não vigiada por forças policiais (n=29; 54.7%).

Da análise dos resultados, estes não revelaram diferenças estatisticamente significativas por sexo nos motivos: *porque os tempos hoje estão mais violentos* $\chi^2(1)= 1.054$; $p= .305$, *já ter sido vítima de crime* $\chi^2(1)= 1.806$; $p= .179$, *de já ter ouvido falar de assaltos na zona* $\chi^2(1)= 1.464$; $p= .226$, *por ser uma zona perigosa* $\chi^2(1)= 2.626$; $p= .105$, e *o ser uma zona não vigiada pelas forças policiais* $\chi^2(1)= .510$; $p= .475$.

Encontraram-se diferenças estatisticamente significativas quanto ao motivo: *porque a comunicação social divulga esse acontecimentos* $\chi^2(1)= 4.652$; $p= .031$, em que a maioria dos homens diz que não (n=10; 18.9%) e a maioria das mulheres diz que sim (n=23; 43.4%)

A tabela 4 contém os resultados sobre como o indivíduo se sente durante o dia em várias situações. A maioria dos participantes durante o dia sente-se inseguro quando está *numa rua pouco movimentada* (n= 127; 67.6%), *seguro em parques e jardins* (n=120; 64.1%), *seguro a andar na rua* (n= 146; 78.5%), e *seguro em transportes públicos* (n= 123; 65.7%).

Da análise dos resultados, estes não revelaram diferenças estatisticamente significativas por sexo nas situações *em parques e jardins* $\chi^2(1)= .155$; $p= .694$, e *a andar na rua* $\chi^2(1)= 2.221$; $p= .136$. Mas revelaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito a *Numa rua pouco movimentada* $\chi^2(1)=6.823$; $p= .009$ e *em transportes públicos* $\chi^2(1)= 4.146$; $p= .042$ (Ver tabela 4).

A tabela 5 contém os resultados sobre como o indivíduo se sente durante a noite em várias situações. A maioria dos participantes durante a noite sente-se inseguro *numa rua pouco movimentada* (n= 171; 90.5%), *inseguro em parques e jardins* (n= 158; 83.6%). *A andar na rua* a maioria dos homens sente-se seguro (n=41; 21.8%), e a maioria das mulheres sente-se insegura (n=91; 48.4%). *Em transportes públicos* a maioria dos homens diz-se seguro (n=34; 18.1%) e as mulheres diz-se insegura (n=81; 43.1%). Tanto os homens como as mulheres se dizem inseguros *numa rua pouco iluminada* (n= 172; 91.0%).

Da análise dos resultados, estes não indicam diferenças estatisticamente significativas por sexo em *rua pouco movimentada* $\chi^2(1)= 2.487$; $p= .115$, e *rua pouco iluminada* $\chi^2(1)= 3.232$; $p= .072$. No entanto existem diferenças estatisticamente significativas em *parques e jardins* $\chi^2(1)= 7.717$; $p= .005$, *andar na rua* $\chi^2(1)= 25.065$; $p= .000$, e *transportes públicos* $\chi^2(1)= 6.078$; $p= .014$ (Ver tabela 5).

Diferenças de médias e desvio padrão nas dimensões da Personalidade, Estados de Humor, Pensamento da Realidade social e medo do crime

De modo a estudar as diferenças em relação à média e desvio padrão nas várias dimensões estudadas, foi utilizado o teste *t* de Student para amostras independentes, cujos resultados foram

estatisticamente significativos na medida da Personalidade, para as dimensões *Extroversão* $t(179)=-2.210$; $p=.028$ e *Amabilidade* $t(186)=-2.448$; $p=.015$. Na medida do índice do medo do crime foram encontrados resultados estatisticamente significativos para a dimensão *reações fisiológicas* $t(184)=-4.871$; $p=.000$, para *Sentimentos de insegurança e vulnerabilidade* $t(182)=-3.869$; $p=.000$, para *Sensibilidade diferencial ao risco* $t(182)=-3.282$; $p=.001$ e para a *Nota total do medo do crime* $t(187)=-4.620$; $p=.000$ (Ver tabela 6).

No Pensamento da Realidade Social, encontraram-se resultados estatisticamente significativos para a dimensão *Medo e controlo externo* $t(184)=-4.408$; $p=.000$.

Neste sentido, pode-se dizer que em média as mulheres revelaram valores mais elevados de traços de *extroversão* ($M= 3.54$; $DP= .67$) e *amabilidade* ($M= 3.97$; $DP=.47$), de *reações fisiológicas* ($M= 1.02$; $DP=.69$), de *sentimentos de insegurança e vulnerabilidade* ($M=.65$; $DP=.64$), de *sensibilidade diferencial ao risco* ($M= 1.26$; $DP= .64$) e de mais *medo do crime* ($M=.95$; $DP=.54$) e de *medo e controlo externo* ($M=3.35$; $DP= .75$), ver tabela 6.

Correlação entre a Personalidade e o Medo do Crime para ambos os grupos

A tabela 7 mostra os resultados dos coeficientes de correlação de *Pearson* para as associações entre as dimensões da Personalidade com o Medo do Crime e do Pensamento sobre a Realidade Social, para o grupo de homens e para o grupo das mulheres.

Na relação entre Personalidade, Medo do Crime, e Pensamento sobre a Realidade Social nos homens foram encontrados na dimensão *extroversão*, relações positivas estatisticamente significativas com as dimensões *reações fisiológicas* ($r=.295$; $p=.021$), e *Medo e controlo interno* ($r=.303$; $p=.016$), ou seja quanto maior for a extroversão nos homens maior será a reação fisiológica, medo e controlo interno. Por contraste, quanto menor for a extroversão menor será a reação fisiológica e o Medo e controlo interno. Na dimensão *Conscienciosidade* também para o mesmo grupo foi encontrada uma relação positiva estatisticamente significativa na dimensão *Reações fisiológicas* ($r=.305$; $p=.018$), ou seja, quanto maior a conscienciosidade dos homens maior as reações fisiológicas, ou quanto menor for a conscienciosidade menor serão as reações fisiológicas. Foi também encontrada uma relação negativa estatisticamente significativa com a dimensão *Confiança nos outros* ($r=-.289$; $p=.026$), ou seja, quanto menor for a conscienciosidade, maior será a confiança nos outros ou vice-versa. Na dimensão *Neuroticismo* não foram encontrados resultados estatisticamente significativos, para todas as dimensões do Medo do Crime e do Pensamento sobre a realidade social. Para a dimensão *Abertura à experiência*, foram encontrados resultados negativos estatisticamente significativos nas dimensões: *Sentimentos de insegurança e vulnerabilidade* ($r=-.382$; $p=.003$), e de *Nota total de medo do crime*, ou seja, quanto menor for a abertura à experiência maiores serão os sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, e maior será também o medo do crime e vice-versa. No grupo dos homens não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a *Amabilidade*

e as restantes dimensões do Medo do crime e do Pensamento sobre a Realidade Social, ver tabela 7.

Na relação entre a Personalidade, Medo do Crime e Pensamento sobre a Realidade social, para o grupo das mulheres, não se obtiveram resultados estatisticamente significativos entre a *Extroversão* e as restantes dimensões. Foi encontrado um resultado negativo estatisticamente significativo entre a *Conscienciosidade* e *Insegurança* ($r=-.193$; $p=.033$), ou seja quanto menor for a conscienciosidade das mulheres maior será a insegurança ou o inverso. Na dimensão *Neuroticismo* encontraram-se resultados positivos estatisticamente significativos, com as seguintes dimensões: *Reacções Fisiológicas* ($r=.221$; $p=.014$); *Sentimentos de Insegurança e Vulnerabilidade* ($r=.211$; $p=.019$); *Nota total de Medo do Crime* ($r=.209$; $p=.021$); *Medo e Controlo Externo* ($r=.255$; $p=.005$), que significa que quanto maior for o neuroticismo neste grupo, maiores serão as reacções Fisiológicas, os sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, o medo do crime e o medo e controlo externo; ou quanto menor for o neuroticismo, menores serão as reacções fisiológicas, os sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, o medo do crime e o medo e controlo externo, ver tabela 7.

Quanto à *Abertura à Experiência*, foram encontrados para o grupo das mulheres resultados negativos estatisticamente significativos, para as dimensões: *Reacções Fisiológicas* ($r=-.299$; $p=.001$); *Sentimento de Insegurança e Vulnerabilidade* ($r=-.406$; $p=.000$); *Sensibilidade Diferencial ao Risco* ($r=-.371$; $p=.000$); e *Nota total do Medo do Crime* ($r=-.384$; $p=.000$); e *Medo e Controlo Externo* ($r=-.341$; $p=.000$). Quanto menor for a abertura à experiência nas mulheres, maiores serão as reacções fisiológicas, os sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, a sensibilidade diferencial ao risco, o medo do crime, e o medo e controlo externo, ou então o inverso. Também foram encontradas relações positivas na *Abertura à experiência* nas mulheres, para as dimensões: *Insegurança* ($r=.196$; $p=.030$) e para a *Confiança nos Outros* ($r=.185$; $p=.041$). Quanto maior for a abertura à experiência nas mulheres, maior será a insegurança e a confiança nos outros, ou quanto menor for a abertura à experiência menor será a insegurança e a confiança nos outros. No que diz respeito à dimensão da *Amabilidade*, foram encontrados resultados positivos estatisticamente significativos, para as dimensões *Reacções Fisiológicas* ($r=.188$; $p=.036$), para a *Sensibilidade Diferencial ao Risco* ($r=.197$; $p=.030$), e para a *Confiança nos Outros* ($r=.191$; $p=.034$). Quanto maior for a amabilidade nas mulheres maiores serão as reacções Fisiológicas, a sensibilidade diferencial ao risco e a confiança nos outros, ou então quanto menor for a amabilidade menores serão as reacções fisiológicas, a sensibilidade diferencial ao risco e a confiança nos outros, ver tabela 7.

Nas restantes dimensões avaliadas não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significativas, ver tabela 7.

DISCUSSÃO

O presente estudo procurou perceber quais as variáveis que influenciam o medo do crime, visto que a literatura demonstra que não é necessariamente o facto de se ter sido vítima de crime que determina o medo deste.

Na literatura, as mulheres estão referenciadas como as mais detentoras de medo do crime, em comparação com os homens (Carvalho, 1990), pelo que este estudo procurou verificar esse facto. Pode-se dizer que a maioria dos participantes, tanto homens como mulheres, apesar de não terem tido um passado de vitimação e de se sentirem seguros no seu local de residência, acharam que o crime e a violência aumentaram. No entanto, foram as mulheres que revelaram sentir-se mais preocupadas do que os homens no que diz respeito a virem a ser vítimas de crime no seu local de residência, ou seja, parecem revelar um maior medo de virem a ser vítimas de crime.

Quando analisados os resultados dos motivos pelos quais as pessoas se sentem inseguras no seu local de residência, percebemos que há um resultado estatisticamente significativo no motivo *porque a comunicação social divulga esses acontecimentos*, em que os homens dizem que esse não é o motivo pelo qual se sentem inseguros, mas as mulheres dizem que sim. As mulheres revelaram então ser mais susceptíveis à influencia dos meios de comunicação do que os homens e isto poderá estar relacionado com o facto destas terem mais medo do crime. É natural que isto aconteça, porque se de facto as mulheres têm mais medo do crime, quando se deparam com um cenário de crime através da comunicação social, também vão ficar mais susceptíveis a essa mesma situação.

Quanto aos sentimentos experimentados pelos sujeitos em várias situações vividas durante o dia, encontraram-se resultados estatisticamente significativos *numa rua pouco movimentada e nos transportes públicos* em que a maioria das mulheres referem sentir-se inseguras na primeira situação e seguras na segunda situação. Durante a noite, encontraram-se resultados estatisticamente significativos *nos parques e jardins, a andar na rua e em transportes públicos*, em que as mulheres se sentem mais inseguras do que os homens nessas situações. Isto acontecerá porque as mulheres sentem um maior medo de serem vítimas de crime, nomeadamente de crimes violentos, logo sentem-se mais inseguras em situações em que percebem que esse risco é mais fácil de ocorrer.

Em suma, pode-se dizer que apesar da maioria dos participantes não ter sido vítima de crime, quer directa ou indirectamente, não impediu que a sua maioria viesse a achar que existe um aumento da violência e do crime, e se sintam preocupados, ou com receio de virem a ser vítimas de crime no seu local de residência. É de salientar, que os maiores índices de insegurança e medo, se verificaram nas mulheres. Estes resultados, vêm então corroborar o estudo feito em

Portugal que indicam que as mulheres como mais inseguras e um maior medo de serem vítimas de crimes violentos (Carvalho, 1990).

Outro objectivo deste estudo foi igualmente saber se existem factores emocionais e/ou afectivos que condicionem ou contribuam para o medo do crime, visto que estes factores estão muito pouco explorados. Por isso testaram-se variáveis como a personalidade, estados de humor, pensamento sobre a realidade social e índice do medo do crime, em que se esperou encontrar diferenças nas dimensões estudadas entre sexos e uma relação positiva em algumas destas dimensões e o medo do crime.

Existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no que diz respeito aos traços de personalidade, nas dimensões *extroversão* e *amabilidade*, em que as mulheres aparecem como mais extrovertidas e mais amáveis do que os homens, o que pode estar ligado aos traços histriónicos da personalidade que habitualmente se relacionam ao sexo feminino.

No que diz respeito ao medo do crime, as mulheres apresentam diferenças muito significativas nas dimensões *reações fisiológicas*, na *sensibilidade diferencial ao risco* e nos *sentimentos de insegurança e de vulnerabilidade*.

Não se encontraram resultados estatisticamente significativos nas diferenças entre homens e mulheres, para as várias dimensões dos estados de humor, desde a *tensão-ansiedade*, *depressão-rejeição*, *cólera-hostilidade*, *vigor-actividade*, *fadiga-inércia* e *confusão-desorientação*, pelo que não é possível retirar conclusões.

No que diz respeito ao *pensamento sobre a realidade social*, obtiveram-se resultados estatisticamente significativos nas diferenças entre homens e mulheres, na dimensão *medo e controlo externo*, em que as mulheres apresentaram um valor mais elevado. Isto é corroborado pelo estudo efectuado por Monteiro (1999), em que as adolescentes femininas apresentaram maiores índices de medo e controlo externo face à violência. Estas sentem mais medo do que os homens e a forma como lidam com esse sentimento é controlando-o de forma externa, ou seja arranjam estratégias de protecção face ao crime e à violência através de instituições, ou outras pessoas, em vez de controlarem esse sentimento internamente.

Na análise dos resultados da correlação efectuada entre o Medo do Crime, e Personalidade nos homens, podemos dizer que existe uma relação positiva estatisticamente significativa na dimensão de *reações fisiológicas* com a *extroversão* e *conscienciosidade*. Neste estudo percebeu-se que quanto mais extrovertidos e conscientes forem os homens, mais respostas fisiológicas terão face ao medo do crime. Isto poderá não estar relacionado só com o medo do crime, uma vez que quando as pessoas são mais extrovertidas têm habitualmente mais reações fisiológicas como resposta ao seu funcionamento.

No que diz respeito aos *sentimentos de insegurança e vulnerabilidade*, encontrou-se uma relação inversa, com a *abertura à experiência*. Poder-se-á dizer que os homens que estão mais abertos a experimentar novas situações ou novos desafios, percebem menos sentimentos de vulnerabilidade e insegurança. No entanto a relação inversa entre *conscienciosidade e confiança nos outros* diz-nos que quanto mais conscientes forem os homens menor será a confiança que depositam nos outros. Quanto menos insegura for uma pessoa, mais predisposta está a experimentar novos desafios, e menor será o medo de vir a ser vítima de crime. Tal como no estudo de Monteiro (1999), os resultados também indicaram que quanto maior for a extroversão nos homens, maior será o medo e o controlo interno.

No que diz respeito à personalidade e ao medo do crime nas mulheres os resultados indicam uma relação inversa entre *conscienciosidade e insegurança*, que se poderá justificar por essa conscienciosidade transmitir mais segurança no meio social, ou seja, se a mulher for mais consciente daquilo que se passa à sua volta, menor será a sua insegurança em relação ao meio. Nas mulheres verificaram-se também relações positivas entre o *neuroticismo, reacções fisiológicas, sentimentos de vulnerabilidade e insegurança, nota total do medo do crime, e medo e controlo externo*. Os resultados demonstraram que quanto maior o índice de neuroticismo, maior o sentimento de insegurança, e que, por sua vez, se uma mulher se sentir insegura, maior índice de medo do crime irá apresentar. Na literatura uma das justificações apresentadas para o medo do crime nas mulheres é a sua vulnerabilidade física, quer real quer percebida (Machado, 2004). Nestes resultados podemos intuir que se devem a aspectos neuróticos da personalidade, uma vez que este aspecto da personalidade está mais associado desde sempre ao sexo feminino. Mais uma vez é demonstrado que a forma de controlar o medo nas mulheres é externa, ao contrário dos homens, que é interna (Monteiro, 1999).

No que diz respeito à *abertura à experiência* nas mulheres, podem-se verificar relações inversas com *reacções fisiológicas, sentimentos de vulnerabilidade e insegurança, sensibilidade diferencial ao risco, nota total de medo do crime, medo e controlo externo*.

Este cenário encontrado é contrário àquele que foi referido anteriormente acerca das mulheres, ou seja, as mulheres que estão mais disponíveis para experimentar situações novas têm um menor medo do crime. Estas podem sentir-se menos vulneráveis e menos inseguras, com menos respostas fisiológicas, logo não têm tanta sensibilidade para perceber o risco. Se estão mais abertas à experiência, terão menos ansiedade e ser esse o motivo da menor reacção fisiológica. Se não existe medo do crime, não haverá necessidade de o controlar externamente e daí a relação inversa entre a abertura à experiência e medo e controle externo.

Ainda no que diz respeito à *abertura à experiência* nas mulheres, os resultados mostram uma relação positiva com a *insegurança e confiança nos outros*, o que se justifica, uma vez que se as mulheres confiarem nos outros, menor receio terão de experimentar situações novas.

Quanto à dimensão da personalidade *amabilidade* nas mulheres, este estudo mostra que existe uma relação positiva com as dimensões *reações fisiológicas* e *sensibilidade diferencial ao risco* do medo do crime e com a dimensão *confiança nos outros* do pensamento sobre a realidade social. Isto significará que se as mulheres forem mais amáveis, também respondem fisiologicamente a esse sentimento e também têm uma maior sensibilidade diferencial ao risco. Por norma a amabilidade permite uma maior proximidade com as outras pessoas, o que poderá gerar maior sensibilidade diferencial ao risco. Contudo, de salientar que esta suposição é especulativa, por não existirem estudos referentes a esta matéria. O oposto também se poderá verificar, ou seja, se a mulher for pouco amável, será igualmente menos afável e próxima em relação aos outros, e dessa forma irá perceber o outro também com desconfiança, não conseguindo ter uma verdadeira percepção diferencial ao risco.

Neste estudo verificaram-se várias limitações. Uma delas é o número da amostra que não é representativa da população nem permite generalizações. Futuramente seria importante que este estudo se realizasse com mais participantes. No entanto, é de salientar que apesar disso é uma amostra homogénea, não havendo diferenças estatisticamente significativas nas características demográficas.

Outra limitação é o facto de não se poder prever a veracidade das respostas e do questionário ter sido extenso, podendo desmotivar a pessoa que o preenche.

O medo do crime ligado às características da personalidade, não é um assunto muito estudado. Existem muitos estudos referentes aos motivos ligados à vulnerabilidade física, condições ambientais na zona de residência, à divulgação dos meios de comunicação social, mas não explicam muito para além disso, pelo que este estudo teve como relevância querer explicar o medo do crime através de questões mais internas, como o próprio funcionamento do indivíduo.

REFERÊNCIAS

Agra, C. (1993). *Dizer a droga. Ouvir as drogas. Estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento aditivo*. Porto. Radicário.

Azevedo, H., Silva, C., Dias, M. (1991) O Perfil dos Estados de Humor: Adaptação à População Portuguesa. *Psiquiatria Clinica*, (12),187 – 193.

Borroah, V., & Carach, C. (1997). Crime and Fear: Evidence from Australia. *British Journal of Criminology*, (37), 635-657

Brites, J., Miranda, R. & Baptista, A. (2004). Natureza e Desenvolvimento do Índice do Medo do Crime -IMC. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves & V. Ramalho (Edts). *Avaliação Psicológica – Formas e Contextos*, (p.243-250). Psiquilíbrio Edições: Braga

Carvalho (1990). *Vitimologia e medo do crime: aplicação da análise factorial de correspondências múltiplas*. Lisboa. Iscte

Fatela, J. (1989). *O Sangue e a Rua*. Lisboa. Dom Quixote

Fernandes, E. (1870-1945). *Galeria dos criminosos celebres em Portugal – História da criminologia contemporânea sob o ponto de vista descritivo e científico*, Lisboa, Tipografia Palhares.

Gabriel, U. & Greve, W. (2003). *Psychology of Fear of Crime*. The Criminology of British Journal, (43) 3, 600-614

Killias, M. & Clerici, C. (2000). Different Measures of Vulnerability in their relation to different dimensions of fear of crime. *The British Journal of Criminology*, 40, 437-450

Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança: discursos do medo imagens do outro*. Lisboa: Editorial Notícias

Mesch, G. (2000). Risk perceptions, lifestyle activities, and fear of crime. *Deviant behavior: An Interdisciplinary Journal*, (21), 47-62.

Monteiro, M. (1999). Meios de Comunicação Social e construção da Realidade Social: Crescer com a violência televisiva em Portugal: *Psicologia*, (2), 321-339.

Oliver, J. & Martinez, V. (1998). Los Cinco Grandes Across Cultures and Ethnic Groups: Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, (75), 729-750.

Scharfetter, C. (1997). *Introdução à Psicopatologia Geral*. Lisboa. Climepsi Editores

Vaz, M.J., (1996). *Crime e Sociedade em Portugal a segunda metade do século XIX*, Lisboa, Iscte

ANEXOS

Tabela 1
Caracterização sócio-demográfica da amostra total por sexo

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N= 126)		t
	M	DP	M	DP	
Idade	35.73	11.16	36.32	13.14	-3.05
Habilitações literárias	12.74	3.38	13.08	3.48	-6.33
	N	%	N	%	χ^2
Trabalha					3.543
Não	5	2.6	23	12.2	
Sim	58	30.7	103	54.5	
Nacionalidade					2.275
Portuguesa	60	31.7	123	65,1	
Americana	1	.5	0	.0	
Cabo Verdiana	1	.5	2	1.1	
Brasileira	1	.5	1	.5	
Etnia					1.637
Asiát./Oriental	1	.5	1	.5	
Negra/Negród.	2	1.1	1	.5	
Branca/Cauc.	60	32.8	118	64.5	
Nível sócio-económico actual					7.042
Classe Alta	2	1.1	1	.5	
Classe Média-Alta	2	1.1	7	3.7	
Classe Média	42	22.2	100	52.9	
Classe Média- Baixa	15	7.9	17	9.0	
Classe Baixa	2	1.1	1	.5	
Tipo de relacionamento actual					4.215
Casado	24	13.0	50	27.0	
Divorciado	5	2.7	6	3.2	
União de facto	3	1.6	14	7.6	
Numa relação comprometida	14	7.6	29	15.7	
Em várias relações sem compromisso	2	3.3	1	.8	
Presentemente não me encontro envolvido com ninguém	13	7.0	24	13.0	
Tipo de área em que vive actualmente					.714
Rural	2	1.1	7	3.8	
Urbano	52	28.0	104	55.9	
Suburbano	8	4.3	13	7.0	

Tabela 2
Caracterização da história de vitimação da amostra total por sexo

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N = 126)		χ^2
	N	%	N	%	
Já foi vítima de crime?					3.481
Não	41	21.7	98	51.9	
Sim	22	11.6	28	14.8	
Algum familiar e/ou amigo foi vítima de crime					.068
Não	46	24.5	89	47.3	
Sim	17	9.0	36	19.1	
O crime e a violência têm aumentado?					1.945
Não	21	11.3	30	16.1	
Sim	41	22.0	94	50.5	
A nível de segurança, como se sente zona residência?					3.916
Muito seguro	7	3.7	7	3.7	
Seguro	42	22.2	77	40.7	
Pouco seguro	12	6.3	38	20.1	
Inseguro	2	1.1	4	2.1	
Preocupação com o facto de vir a ser vítima crime, no local de residência					10.543*
Muito preocupado	4	2.1	9	4.8	
Preocupado	19	10.1	64	34.0	
Nada preocupado	9	4.8	6	3.2	
Pouco preocupado	31	16.5	46	24.5	
	M	DP	M	DP	t
Há quanto tempo foi vítima de crime? (meses)	74.43	62.903	81.84	81.722	-.339

Nota: * $p < .05$

Tabela 3
Caracterização da história de vitimação da amostra total por sexo: motivo pelo qual se sente inseguro ou pouco seguro zona residência

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N = 126)		χ^2
	N	%	N	%	
Porque tempos hoje mais violentos					
Não	1	1.9	8	15.1	1.054
Sim	12	22.6	32	60.4	
Porque já foi vítima crime					1.806
Não	8	15.1	32	60.4	
Sim	5	9.4	8	15.1	
Porque já ouviu falar assaltos zona					1.464
Não	3	5.7	4	7.5	
Sim	10	18.9	36	67.9	
Porque é uma zona perigosa					2.626
Não	10	19.2	20	38.5	
Sim	3	5.8	19	36.5	
Porque comunicação social divulga esses acontec.					4.652*
Não	10	18.9	17	32.1	
Sim	3	5.7	23	43.4	
Porque é uma zona não vigiada pelas forças policiais					.510
Não	6	11.3	23	43.4	
Sim	7	13.2	17	32.1	

Nota: * $p < .05$

Tabela 4

Continuação da caracterização a história de vitimação da amostra total por sexo: Como se sente durante o dia

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N = 126)		χ^2
	N	%	N	%	
Numa rua pouco movimentada					6.823**
Inseguro	34	18.1	93	49.5	
Seguro	28	14.9	33	17.6	
Em parques e jardins					.115
Inseguro	21	11.2	46	24.6	
Seguro	41	21.9	79	42.2	
A andar na rua					2.221
Inseguro	9	4.8	31	16.7	
Seguro	51	27.4	95	51.1	
Em transportes públicos					4.146*
Inseguro	15	8.0	49	26.2	
Seguro	47	25.1	76	40.6	

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Tabela 5
Continuação da caracterização a história de vitimação da amostra total por sexo: como se sente durante a noite

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N = 126)		χ^2
	N	%	N	%	
Numa rua pouco movimentada					2.487
Inseguro	54	28.6	117	61.9	
Seguro	9	4.8	9	4.8	
Em parques e jardins					7.717**
Inseguro	46	24.3	112	59.3	
Seguro	17	9.0	14	7.4	
A andar na rua					25.065***
Inseguro	22	11.7	91	48.4	
Seguro	41	21.8	34	18.1	
Em transportes públicos					6.078*
Inseguro	29	15.4	81	43.1	
Seguro	34	18.1	44	23.4	
Numa rua pouco iluminada					3.232
Inseguro	54	28.6	118	62,4	
Seguro	9	4.8	8	4.2	

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Tabela 6
Diferenças de médias e desvio padrão nas dimensões da Personalidade, desajustamento emocional, pensamento da realidade social e medo do crime, por sexo.

	Sexo Masculino (N = 63)		Sexo Feminino (N = 126)		t
	M	DP	M	DP	
Personalidade					
Extroversão	3.32	.65	3.54	.67	-2.210*
Conscienciosidade	3.73	.49	3.83	.53	-1.187
Neuroticismo	2.86	.66	3.00	.68	-1.346
Abertura à experiência					
Amabilidade	3.72	.61	3.5	.68	1.437
Amabilidade	3.77	.56	3.97	.47	-2.448*
Medo do Crime					
Reacções Fisiológicas	.53	.51	1.02	.69	-4.871***
Sentimentos de insegurança e vulnerabilidade	.38	.37	.65	.48	-3.869***
Sensibilidade Diferencial ao risco	.95	.54	1.26	.64	-3.282***
Nota total do Medo do Crime	.59	.41	.95	.54	-4.620***
Estados de Humor					
Tensão-Ansiedade	.96	.66	1.09	.68	-1.236
Depressão-Rejeição	.56	.68	.62	.73	-.523
Cólera-Hostilidade	.61	.73	.60	.76	.101
Vigor-Actividade	1.82	.78	1.95	.75	-1.145
Fadiga-Inércia	.89	.84	.93	.72	-.273
Confusão- Desorientação	.65	.73	.70	.68	-.458
Realidade Social					
Medo e Controlo externo	2.85	.70	3.35	.75	-4.408***
Medo e Controlo Interno	3.07	.75	2.97	.58	1.041
Insegurança	3.35	.63	3.34	.51	.217
Confiança nos Outros	2.75	.61	2.79	.59	-.378

Nota: * $p < .05$; *** $p < .001$

Tabela 7

Inter-correlação entre o traço de personalidade e o Medo do Crime e o Pensamento sobre a Realidade Social, por sexo.

	Sexo Masculino (n=63)					Sexo Feminino (n=126)				
	Ext.	Consc.	Neur.	A.E.	Amab.	Ext.	Cons.	Neur.	A.E.	Amab.
Medo do Crime										
R.F.	.295*	.305*	.042	-.244	.249	.027	.064	.221*	-.299**	.188*
S.I.V.	.200	.139	.100	-.382**	.054	-.002	-.043	.211*	-.406**	.005
S.D.R.	.171	.066	.227	-.112	-.023	-.104	.043	.136	-.371**	.197*
N.T medo crime	.236	.195	.108	-.268*	.103	-.021	.027	.209*	-.384**	.143
Pensamento Realidade Social										
M.C.E	.179	.020	.173	.068	.009	-.033	.072	.255**	-.341**	.035
M.C.I.	.303*	.128	-.003	-.060	-.059	.043	.070	.143	-.144	.082
Insegurança	.015	-.074	-.032	.070	-.007	.078	-.193*	-.128	.196*	-.074
C. Outros	-.035	-.289*	-.015	.150	.104	-.089	-.117	-.021	.185*	.191*

Nota: *p<.05 **p<.01

R.F- Reações fisiológicas; SIV- Sentimentos de insegurança e vulnerabilidade; SDR- Sensibilidade diferencial ao risco; N.T. medo crime- nota total do medo do crime; MCE- Medo e controlo externo; Medo e controlo interno; C. Outros- Confiança nos outros